

**AGAMIA: REFLEXÕES SOBRE A RECUSA À FAMÍLIA TRADICIONAL E SEUS
EFEITOS PSICOSSOCIAIS**

**AGAMY: REFLECTIONS ON THE REFUSAL OF THE TRADITIONAL FAMILY AND ITS
PSYCHOSOCIAL EFFECTS**

**AGAMIA: REFLEXIONES SOBRE EL RECHAZO DE LA FAMILIA TRADICIONAL Y
SUS EFECTOS PSICOSOCIALES**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-288>

Data de submissão: 23/06/2025

Data de publicação: 23/07/2025

Marcos Antonio Vasconcelos Rodrigues

Mestrando em Ciências da Educação

Instituição: Rede Pública Estadual de Ensino do Ceará

Endereço: Ceará, Brasil

E-mail: marcos.rodrigues2@prof.ce.gov.br

RESUMO

O presente artigo discute a agamia, entendida como uma postura existencial na qual a pessoa rejeita compromissos afetivos duradouros e a constituição de uma família tradicional. Reflete-se sobre as implicações dessa escolha na saúde emocional, nas relações sociais e no equilíbrio psicológico individual e coletivo. O texto também aborda aspectos históricos, psicológicos e espirituais relacionados ao tema, buscando oferecer uma análise crítica sobre os impactos da agamia na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Agamia. Família. Vínculos Afetivos. Saúde Emocional. Modernidade.

ABSTRACT

This article discusses agamy, understood as an existential stance in which a person rejects lasting emotional commitments and the formation of a traditional family. It reflects on the implications of this choice for emotional health, social relationships, and individual and collective psychological balance. The text also addresses historical, psychological, and spiritual aspects related to the topic, seeking to offer a critical analysis of the impacts of agamy on contemporary society.

Keywords: Agamy. Family. Affective Bonds. Emotional Health. Modernity.

RESUMEN

Este artículo aborda la agamia, entendida como una postura existencial en la que una persona rechaza los compromisos emocionales duraderos y la formación de una familia tradicional. Reflexiona sobre las implicaciones de esta elección para la salud emocional, las relaciones sociales y el equilibrio psicológico individual y colectivo. El texto también aborda aspectos históricos, psicológicos y espirituales relacionados con el tema, buscando ofrecer un análisis crítico de los impactos de la agamia en la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Agamia. Familia. Vínculos Afetivos. Salud Emocional. Modernidad.

1 INTRODUÇÃO

A agamia se refere a um estilo de vida e uma forma de relacionamento em que as pessoas optam por não se comprometerem com relacionamentos sérios ou parceiros fixos. Os indivíduos agâmicos rejeitam a ideia de casamento e a formação de uma família tradicional. Essa tendência tem se tornado mais comum, especialmente entre os jovens. Por exemplo, muitas pessoas dizem preferir não estabelecer vínculos que exijam dedicação constante. Isso se deve, em parte, ao culto da autonomia e à influência de discursos que promovem a liberdade como valor supremo.

Ao longo da história humana a família tem sido o primeiro e principal suporte de socialização das pessoas, pois é na família onde a pessoa nasce, cresce, se desenvolve. Aprende valores, regras e comportamentos que são indispensáveis para a convivência em sociedade. Sem essa estrutura, muitos indivíduos perdem referências básicas de segurança e pertencimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA COMO ESTRUTURA DE PERTENCIMENTO

Uma família “equilibrada” contribui diretamente para a saúde emocional e mental, gerando ambiente de segurança e apoio em momentos difíceis. Diante desse quadro, é importante lembrar que nem toda família cumpre esse papel de maneira saudável. Visto desse ponto de vista, a necessidade da família não pode ser analisada apenas pelo viés ideológico, definindo-a puramente como “cultura conservadora”. Longe disso, a família é absolutamente indispensável para a construção de sociedades sadias.

A sociedade vem adoecendo em todos os aspectos, justamente porque a “família” vem sendo muito atacada e desconstruída ao longo da história humana. Isso se observa no aumento de transtornos emocionais e na solidão crônica que atinge muitas pessoas.

2.2 FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS E SOCIOLOGICOS

Quando eu olho para tudo que já li e vivi, fica claro que a família sempre ocupou um espaço de referência emocional e moral. E isso não é apenas teoria: é algo que vi se confirmar várias vezes. Bowlby (1989) chega a dizer que o apego é tão essencial quanto o alimento. Eu já conheci pessoas que cresceram sem nenhum apoio afetivo consistente. E, sinceramente, essas marcas raramente desaparecem sozinhas. Bronfenbrenner (1996) também fala disso. Ele lembra que a casa, mesmo com seus limites e conflitos, costuma ser o primeiro lugar onde aprendemos a confiar e a perceber quem somos.

Os modelos familiares mudam, ninguém nega essa realidade. Mas será que a ausência de vínculos fortes não cobra um preço alto demais? Eu acredito que sim. Quando a gente lê Bauman (2004) e sua ideia de modernidade líquida, é quase impossível não pensar que tudo virou provisório, até aquilo que deveria ser permanente. Parece que vivemos num tempo em que tudo escorre entre os dedos: relações, promessas, compromissos.

E há outros autores que reforçam essa impressão. Giddens (1992) fala das tais relações pós-tradicionais, sempre baseadas numa negociação sem fim, que mais parece um contrato pronto pra ser rasgado a qualquer momento. Lipovetsky (1983), por outro lado, aponta o individualismo que cresce sorrateiro. Esse narcisismo moderno cria uma solidão que muitos fingem não ver. Eu mesmo já escutei jovens dizerem que preferem “não se apegar a ninguém”. E, ao mesmo tempo, reclamam de não ter alguém em quem confiar. Sennett (1998) também observa que essa cultura da performance e do trabalho flexível corrói a confiança mínima entre as pessoas. Quando junto tudo isso, fico com a sensação de que a agamia talvez não seja só uma escolha livre, mas também um sintoma do nosso tempo.

2.3 A RAIZ ESPIRITUAL DO CONFLITO

Essa situação conflituosa é relatada e lamentada por Paulo, o maior apóstolo do Cristianismo, em sua Carta aos Romanos no capítulo 7, versículos 22 até o 24. Ele diz: “...no íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros.”

Esse trecho evidencia que essa luta interior não é uma questão recente, mas acompanha a humanidade desde seus primórdios.

Pelas palavras de Paulo, fica claro o seguinte: nossa mente original (consciência) busca o que é justo e correto, luta contra as inclinações do corpo, que é o contrário do que a mente original busca e precisa.

No Gênesis, há um relato de uma situação que deu origem a essa condição contraditória lamentada por Paulo, que foi a queda humana. Esse evento foi um ato praticado por nossos primeiros pais fora do padrão celestial e que deu origem à nossa natureza contraditória. Com isso, a essência do ser humano passou a ser a contradição, ou seja, a queda humana gerou essa luta entre o corpo físico (que busca prazeres) e a mente espiritual da pessoa (mente original) que deseja o oposto do que o corpo físico busca.

3 METODOLOGIA

Eu decidi construir este trabalho como um ensaio teórico-reflexivo, com uma abordagem essencialmente qualitativa. Não apliquei questionários formais, mas reuni fontes que, na minha opinião, ajudam a iluminar o tema. Recorri a dados estatísticos de instituições como o IBGE e a Organização Mundial da Saúde, que já acompanho há bastante tempo. Também busquei autores que admiro e que têm sido referência quando penso em vínculos e saúde emocional.

Algumas reflexões que aparecem aqui vieram de conversas com alunos e colegas. Não foi raro encontrar quem dissesse que “ninguém mais quer compromisso”. Minha proposta não é apresentar uma verdade absoluta — aliás, desconfio de quem se propõe a isso —, mas provocar um debate mais honesto sobre os impactos emocionais e sociais da agamia.

4 DISCUSSÃO

Quando reflito sobre tudo que observei, chego à conclusão de que os efeitos da agamia não param na vida de quem faz essa escolha. É claro que muita gente acha libertador viver sem compromissos. Mas será que é mesmo tão simples? Eu mesmo já li dados oficiais que estimam que em torno de 10% da população brasileira convive com depressão diagnosticada, e quase 20% enfrenta sintomas de ansiedade de forma frequente. Entre os jovens, esses números parecem crescer ainda mais, especialmente depois dos últimos anos de instabilidade. Eu não digo que tudo isso seja culpa exclusiva da recusa dos vínculos, mas acredito que essa decisão tem participação nesse cenário.

Certa vez, um estudante do ensino médio me disse que não conhecia nenhum colega que tivesse ficado junto por mais de dois anos. Ele falou isso como se fosse a coisa mais natural do mundo. E talvez seja mesmo natural, se olharmos pelo ponto de vista da cultura atual. Mas será que não há também um vazio aí? Do ponto de vista espiritual, Paulo escreveu que a pessoa quer fazer o bem, mas acaba cedendo a outras tendências. Talvez seja essa contradição que torne tudo tão confuso. Eu não pretendo julgar ninguém, mas não dá para ignorar que essa escolha tem custos emocionais.

4.1 CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS E CULTURAIS DA AGAMIA

Nessa luta surgem os conflitos, que levam as pessoas a desenvolverem doenças psicológicas. Há outro detalhe: para tentar frear as cobranças da mente original e fugir do conflito interno, as pessoas desenvolvem mecanismos de fuga, tipo drogas, álcool e outras saídas. A agamia, ao incentivar relacionamentos focados no prazer físico e ao desvalorizar a família, pode conduzir seus adeptos a essa fuga, agravando o quadro de adoecimento social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer o valor dos vínculos não significa abrir mão da liberdade. Eu acredito que toda relação genuína exige paciência, risco e a disposição de enfrentar frustrações. Talvez seja isso que falta hoje: coragem de admitir que precisamos uns dos outros, mesmo que isso nos torne vulneráveis. Por isso, acredito que refletir sobre a agamia não é apenas uma curiosidade acadêmica. É uma forma de tentar entender por que tantas pessoas, apesar de tantas opções, acabam se sentindo sozinhas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Epístola aos Romanos, capítulo 7, versículos 22–24.

BOWLBY, John. *Apego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BRONFENBRENNER, Urie. *A Ecologia do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

HOLT-LUNSTAD, J.; SMITH, T.B.; BAKER, M.; HARRIS, T.; STEPHENSON, D. Loneliness and social isolation as risk factors for mortality: a meta-analytic review. *Perspectives on Psychological Science*, v.10, n.2, p.227–237, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio: Ensaios sobre o Individualismo Contemporâneo*. Lisboa: Edições 70, 1983.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Depressão e outros transtornos mentais comuns: estimativas globais. Genebra: OMS, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/254610>. Acesso em: 22 jul. 2025.

PEW RESEARCH CENTER. *Loneliness in America*. Washington, DC, 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2020/12/03/loneliness-in-america/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter: As Consequências Pessoais do Trabalho no Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.